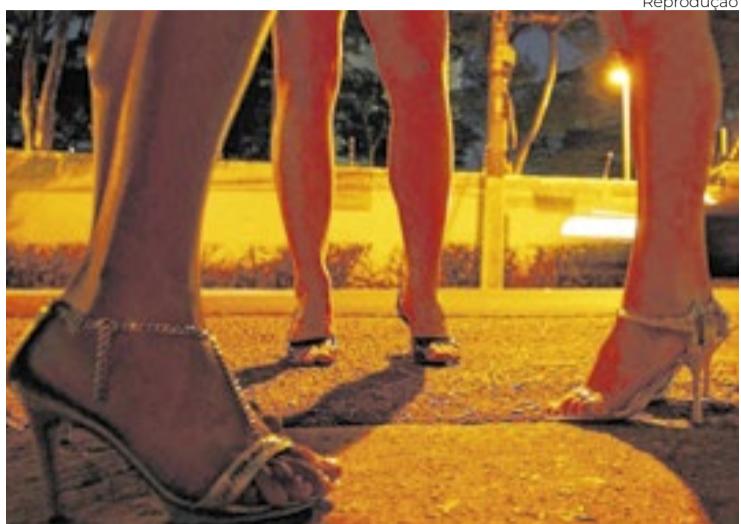


## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



A prostituição inspira um enredo social, histórico e urbano

### Vestida ou nua, a cidade se revela

**NO ÚLTIMO FIM DE SEMANA**, como de costume, fui aos ensaios técnicos das escolas de samba da Série Ouro, na Marquês de Sapucaí. Como sempre, havia ali o Rio em estado bruto: arquibancadas com pessoas de todo lugar, vendedores ambulantes, famílias inteiras, militância do samba, descaso do poder público; gente que vai pela música, gente que vai pela festa, gente que vai simplesmente porque aquilo também é cidade. Mas uma coisa, em especial, me chamou a atenção: o enredo e o samba da Unidos do Porto da Pedra.

**A ESCOLA RESOLVEU FALAR DE PROSTITUIÇÃO.** Não como escândalo. Não como provocação fácil. Não como fetiche carnavalesco. Mas, sim, como um tema social, histórico e urbano.

**A PROSTITUIÇÃO ACOMPANHA O RIO** desde que a cidade virou capital do Império e centro político do país. Cresceu junto com os portos, com a boemia, com a noite, com a desigualdade. Sempre esteve ali, mesmo quando fingimos não ver. O Rio sempre teve uma geografia do desejo e uma cartografia do preconceito: zonas iluminadas, zonas empurradas para a sombra. A prostituição nunca foi exceção; foi regra silenciosa, parte estrutural da vida urbana.

**A VILA MIMOSA É APENAS O SÍMBOLO** mais conhecido dessa história. Já esteve no Centro, foi deslocada pelas reformas urbanas e hoje segue funcionando na região da Praça da Bandeira como território de trabalho, lazer popular, circulação e sobrevivência. Um espaço que incomoda porque existe, e existe apesar do moralismo. O problema nunca foi a prostituição. O problema sempre foi o olhar lançado sobre ela. Um olhar seletivo, hipócrita e profundamente confortável para quem julga de longe.

**CURIOSAMENTE, QUANDO SE OBSERVA** a história política brasileira, esse pudor desaparece. O jornalista Sílvio Barsetti mostra isso em "O outro lado do poder", ao narrar a política nacional pela ótica das prostitutas. Bordéis e cabarés aparecem como espaços frequentados por figuras centrais da República. O poder sempre esteve ali. Apenas preferiu o conveniente silêncio.

**O CORPO QUE A SOCIEDADE CONDENA** é o mesmo que o poder consome sem constrangimento. Talvez por isso o samba da Porto da Pedra seja tão incômodo. Ele não fala dessas mulheres como objeto, mas como sujeito. Quando canta "Dama do luar e cabaré / Quem ousa enfrentar a força da mulher?", não faz poesia vazia. Afirma existência e resistência. Não há romantização da dor. Prostituição não é glamour: é trabalho precarizado, risco, violência e ausência do Estado. Mas também é estratégia de sobrevivência numa cidade desigual. Economia informal sustentando famílias inteiras. Vida real, sem verniz.

**O CARNAVAL, GRANDE QUE É**, funciona como crônica coletiva. Lê a cidade melhor do que muito discurso oficial. E quando o samba diz "Dona de mim, vestida ou nua, o preço da vida, quem sabe sou eu", não pede aplauso. Exige escuta, atenção. O samba entendeu. A Porto da Pedra entendeu. A cidade - ou pelo menos boa parte dela -, como sempre, finge surpresa.



Divulgação

# Um espelho incômodo de nossa (in)civilidade

Thriller psicológico 'Job'  
explorando os limites da  
saúde mental no ambiente  
tóxico das redes sociais

AFFONSO NUNES

**N**os primórdios da TV brasileira, o cronista Stanislaw Ponte Preto - pseudônimo do jornalista Sérgio Porto (1923-1968) - definiu o aparelho como uma "máquina de fazer doido". E o que diria o humorista diante deste mundo cibernetico e suas neurotizantes redes sociais? A rotina silenciosa (e perturbadora) de quem filtra diariamente os conteúdos mais perturbadores da internet é o fio condutor de "Job", em cartaz no Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch.

Estrelada por Bianca Bin e Edson Fieschi, a monategm brasileira do texto do novaiorquino Max Wolf Friedlich revela os bastidores de uma profissão invisível que sustenta a (nem tão) aparente civilidade das redes sociais: a moderação de conteúdo. No centro da trama está Jane, interpretada por Bianca, uma funcionária exemplar de uma grande empresa de tecnologia cuja especialidade é identificar e remover material impróprio da internet. Após anos testemunhando o lado mais sombrio da humanidade através de telas, ela sofre um colapso no

ambiente de trabalho.

Afastada de suas funções, Jane é obrigada a frequentar sessões terapêuticas, onde encontra um profissional vivido por Edson Fieschi. É neste espaço de confronto psicológico que o thriller se desenvolve, expondo as fraturas emocionais causadas por uma ocupação que exige distanciamento impossível.

Max Wolf Friedlich é considerado um dos dramaturgos mais atentos às contradições do presente. O jovem autor constrói em "Job" uma radiografia incômoda da era digital, questionando não apenas as condições de trabalho dos moderadores de conteúdo, mas também a responsabilidade coletiva de quem consome e produz material nas redes sociais. Sua dramaturgia nos coloca diante de um espelho nada confortável para uma sociedade que prefere não olhar para os bastidores de sua própria (in)civilidade online.

A montagem brasileira tem direção de Fernando Philbert, responsável por espetáculos como "Três Mulheres Altas" e "Todas as Coisas Maravilhosas", e produção de Luciano Borges e Edson Fieschi - a mesma dupla por trás do fenômeno "Prima Facie", o premiado solo estrelado por Débora Falabella..

O texto original estreou em setembro de 2023 no Soho Playhouse, em Nova York, com Peter Friedman - conhecido por sua participação na série "Succession" - e Sydney Lemmon nos papéis principais. A recepção crítica imediata levou a obra à Broadway já em junho de 2024, conquistando indicações a diversos prêmios. O jornal The New York Times classificou "Job" como "um thriller sofisticado e implacável", destacando sua capacidade de transformar um tema contemporâneo urgente em tensão dramática consistente.

Moderadores de conteúdo digital enfrentam rotinas de trabalho psicologicamente devastadoras, expostos diariamente a violência gráfica, pornografia infantil, terrorismo e discursos de ódio. Estudos internacionais têm documentado altas taxas de transtornos mentais entre esses profissionais, que freqüentemente trabalham sob condições precárias e com suporte psicológico insuficiente. "Job" dramatiza essa realidade invisível, questionando os custos humanos da manutenção de plataformas digitais aparentemente seguras.

#### SERVIÇO

##### JOB

Teatro TotalEnergies - Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 805 - Glória)  
Até 22/2, sextas e sábados (20h) e domingos (18h)  
Ingressos: Plateia central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia lateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)